

Cresce *lobby* no Congresso

São Paulo — O sistema financeiro se rendeu às evidências de que o trabalho de *lobby* não deve mais se limitar apenas à esfera do Poder Executivo. A partir de agora, as instituições do sistema financeiro vão articular uma presença ainda maior no Congresso Nacional para defender suas opiniões junto aos parlamentares e esclarecer eventuais dúvidas técnicas sobre determinados assuntos. Para isso, a Confederação Nacional das Instituições Financeiras (CNF) ganha vida nova e diretoria própria, quebrando uma tradição de vários anos: até agora, a CNF e Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban) tinham um mesmo presidente.

"Chegamos à conclusão de que não basta uma presença forte no Executivo", afirma Léo Wallace Cochrane Júnior, que deixa a presidência da Febraban e assumiu ontem a presidência da CNF, uma entidade que reúne todos os setores do sistema financeiro (bancos, corretoras, distribuidoras, empresas de *leasing* e empresas de crédito pessoal). "Era hora de uma divisão de forças e responsabilidades, pois uma entidade de classe toma muito tempo das pessoas envolvidas". A Febraban e a CNF tinham o mesmo comando e a atuação das entidades se dividia entre os órgãos do Poder Executivo e os parlamentares.

Com a divisão, a CNF quer ter uma presença mais ativa no Congresso. "Poderemos acompanhar os projetos em andamento no Congresso que nos interessam", afirma Cochrane. "Aliás, é de responsabilidade de toda a iniciativa privada ter uma participação mais atuante no Congresso na linha de prestar esclarecimentos e informações aos deputados". A Febraban, aliás, é vista como detentora da presença mais forte e organizada entre os setores econômicos com atuação no Congresso Nacional, o que não é negado por Cochrane: "Nossa presença tem sido forte. Nesses três anos de Febraban posso dizer que fiz inúmeros amigos na casa".

Caberá à Febraban, comandada agora por Alcides Lopes Tapias, do Bradesco, atuar mais na área do Poder Executivo, cuidando dos assuntos específicos do setor financeiro. "Nossa atuação deverá ser mais no sentido macroeconômico", afirma Cochrane. "Já é hora de a sociedade se aproximar mais do Congresso. Temos um bom time em Brasília e, pessoalmente, pretendo ter uma presença mais freqüente lá. Talvez uma vez por semana". A CNF ganhou, inclusive, outra vice-presidência. Agora, serão dois vice-presidentes: Cristiano Franco Neto (Bozzano, Simonsen) e Ney Castro Alves (Associação das Distribuidoras de Valores).

05 NOV 1991

JORNAL DE BRASÍLIA